

Maputo comemora o 25 de Setembro

• Festa começou há três dias

GUILHERME DE MELO
ENVIADO ESPECIAL

HÁ TRÊS DIAS que o povo do Maputo vive com alegre antecipação a data que hoje se comemora em todo o Moçambique: o 25 de Setembro, que assinala o disparar do primeiro tiro da luta armada, no ataque ao posto administrativo do Chai, em Cabo Delgado, há precisamente 20 anos.

Com efeito, coincidindo o aniversário com uma terça-feira, decidiu o Governo fazer uma «ponte» no dia de ontem, o que levou a que, praticamente, a vida comercial, industrial e a nível da actividade do funcionalismo paralisasse desde a manhã de sábado, para ser retomada somente amanhã.

Estes três dias emprestaram à capital moçambicana um doce remanso, com os estabelecimentos encerrados, a população passeando sem pressas, enquanto, nas casas, melhor ou pior, todos se afadigam com o organizar dos almoços de festa e os serões de convívio. A cidade está engalanada com estandartes e bandeiras, há murais e painéis com palavras de ordem e motivos alusivos à data e muitos cidadãos passam nas ruas ostentando bandeirinhas com as cores nacionais. À noite, na Facim, o povo sobretudo os jovens, aplaudem em espectáculos ao ar livre o cantor negro norte-americano Thomas Forrest (que se prepara para actuar em Lisboa), enquanto na «boite» de luxo da marginal, o «Zambó», a nova burguesia ne-

gra que, ao fim de nove anos de independência já floresceu, janta em ambiente de requinte, dança e aplaude o «show» africano onde Alexandre Mazuzi, um artista moçambicano, é um verdadeiro «show-man».

Condecorações póstumas

Entretanto, e depois da cerimónia de sábado à tarde, com a deposição dos restos mortais de 13 heróis da luta armada na cripta dos heróis, a entrada da capital, o programa das comemorações (que hoje culminará com o desfile militar, às dez horas, a que se seguirá a recepção oficial oferecida pelo presidente Samora no parque de campismo: junto à praia da Polana) teve ontem de manhã a assinalá-lo um outro significativo momento. No cenário da praça da Independência — a antiga praça Mouzinho de Albuquerque — o chefe do Estado procedeu à entrega das insígnias e condecorações de primeiro, segundo e terceiro grau da ordem 25 de Setembro e que ele próprio recebeu por decisão da Assembleia Popular. Além dos «históricos» da luta armada — entre os quais Joaquim Chissano, Marcelino dos Santos, Sebastião Mabote e outros — foram condecoradas diversas personalidades a título póstumo. A primeira condecoração a ser entregue pelo presidente da República foi a atribuída a Eduardo Mondlane, fundador da FRELIMO e o grande aglutina-

dor da arrancada para a luta pela independência, e que sua filha, Nielete, recebeu no meio de emoção geral. Entre os condecorados contaram-se ainda cinco mulheres, todas com a patente de coronel, e que tiveram papel decisivo no decorrer da acção armada e ligadas à etnia maconde. A título póstumo foi também condecorada Josina Machel, primeira mulher do presidente Samora, tendo as insígnias sido recebidas pelo filho de ambos, Samito, de 14 anos.

Quebrado o protocolo

Terminada a cerimónia e quebrando o protocolo como é seu hábito, o chefe do Estado dirigiu-se directamente à multidão que circundava a praça, lembrando-lhe que «nem estavam no cemitério nem tinha estado a condecorar mortos». E, prossequindo: «a morte dos que tombaram tem um preço: o de nunca mais morrerem, por continuarem vivos na memória das gerações. Para muitos de nós, a morte tem o peso da própria história». E, no final, ele próprio arrancou a cantar o «Kali-mambo, FRELIMO» («Obrigado, FRELIMO»), acompanhado pela multidão, enquanto grupos de dançarinos, com os seus instrumentos característicos, dançavam animadamente as velhas danças ancestrais do folclore tradicional do país.

Às 20 horas, o presidente dirigiu ainda uma mensagem à nação através da rádio e da televisão do Maputo, a propósito da data a celebrar.